



Iara Iavelberg

BOCCA

Número 07

04 de Maio de 2005

Instituto de Psicologia - USP

FALTAM 22 DIAS PRO INTERPSICO

QUAL A FUNÇÃO DA BOCA

(a respeito do contrafluxo dos alimentos a serem regurgitados)

Daniel C. Avila (04)

a boca é o primeiro órgão do sistema digestório. possui duas estruturas importantes para a digestão: a língua e os dentes. a língua é um órgão musculoso, dotado de muita mobilidade para poder misturar os alimentos com saliva e permitir a mastigação. serve para engolir os alimentos, ou seja, para a deglutição. os dentes são estruturas calcárias que cortam e trituram os alimentos, facilitando o processo digestivo. com certa frequência, ocorre de o proprietário da boca, por motivos tão diversos como empanturramento ou exposição a algum odor desagradável, estimular seu sistema digestório a realizar um movimento contrário ao normal, através de uma reversão da ação peristáltica da musculatura lisa e o que temos então, senhoras e senhores é o nosso conhecido amigo vômito. aí encontramos mais uma função da boca: regurgitar. HUM!! E DÁ-LHE ÁGUA NA BOCA.

mas não é só isso, a nossa tão querida cavidade bucal a qual apelidamos de boca também nos serve para escarrar cuspir soprar beijar tossir arrotar soletrar & morder a garganta daqueles que não sabem usar a sua a não ser para regurgitar restos indigestos sobre os outros que insistem em manter a sua vida cotidiana longe de tais processos anormais da digestão.

e o jornal? pra que serve então? pode-se usar para limpar a boca ou outras partes do sistema digestório tal qual um guardanapo. ou então fazer um barco de papel que também pode ser um excelente chapéu de bonaparte. tem gente que, numa noite gelada, passa a noite coberta com jornal. isso quando não se morre de frio ou numa violenta chacina onde trinta corpos todos mortos pedem dúzias de folhas de jornal para serem cobertos. jornal ser-

ve para enrolar banana na feira e serve para limpar as fezes do seu animal de estimação. enfim, temos diante de nós uma ótima ferramenta multi-uso-canivete-suíço que maravilha tanto os seres humanos pela capacidade plástico-funcional que podemos esquecer que ele é uma coisa com palavras letras sentido rabiscos & significado dentro. não é nossa boca mas serve para fazer tudo aquilo que fazemos com a boca. por isso tem gente que escreve poema de amor para beijar a noiva, tem gente que grita com quem não quer ouvir, tem gente que mastiga e tem gente que, de barriga cheia, vomita baldes & baldes & baldes & baldes.

um dos problemas decorrentes da proliferação e despejo na sociedade de materiais impressos é a responsabilidade pelo conteúdo e forma do que é publicado. artigos de difusão da informação, de que forma são? esse problema foi calculadamente encoberto pela submissão dos filtros de conteúdo (leia-se censura) aos padrões estético-morais das empresas que enxertam anúncios publicitários nesses materiais. pagam a conta do banquete e preferem que sejam acompanhados do que lhe é conveniente e condizente. analisando esse novo esquema pela perspectiva da teoria da comunicação, percebemos que o que é imprimido é em parte informação que é desejada e (des)esperada pelo leitor em forma de gotas homeopáticas despejadas em um mar de informação imprestável e desinteressante. publicidade é ruído no canal de informação mas paga a folha que se lê. cria-se então uma nova figura, a do escritor profissional que pode ocupar as míseras páginas destinadas à veiculação daquilo que interessa que atingiu esse patamar de autoridade depois de ler manu-

ais redação. como se escreve nos agonizantes âmbitos da linguagem culta erudita como condição *a priori* para publicação. pichações em fachadas & muros recém-pintados. cito um caso notável: nelson rodrigues escreveu sua primeira matéria no jornal do pai no auge dos seus treze anos e meio. pra quem quer pegar o elevador desse prédio é melhor ficar esperando em casa um convite em papel timbrado da Folha de São Paulo entregue pelo ascensorista em pessoa.

viva o boca que é trombone para quem tem boca botá-la no trombone. hip hip urra. o povo gosta mesmo é de quem fala errado. adoniram e a sua saudosa maloca. p'ra bom intendedor meia palavra basta. já basta dessa gente bem intencionada propensa à erosofia. **masturbação genito-mental.** pessoas que tendem a ejacular conhecimento em nossos meros recipientes de sabedoria) cabeças(esperando encontrar nelas óvulos receptivos que se reproduzam por mitose. "abre a boquinha, abre". um embrião que para sempre se aloja dentro de nós. grávidos para sempre de um vício que consome energia mental e que enjoa. sintoma: vomitar, vomitar, vomitar cada vez mais pela boca aquilo que custa os olhos da cara para acreditar. progressão geométrica do volume que se fala. progressão aritmética daquilo que se sabe. liberdade de expressão é liberdade de impressão. liberdade é uma coisa. restrição é outra coisa. liberdade restrita é coisa de liberal que se alimenta do vômito elitista que cai lá de cima. liberdade de burguês é perfume francês.

me desculpe a pergunta, já você comeu alguma coisa que morreu na sua boca?

UMA HISTÓRIA DE VIDA

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

Caminhava com meu rabinho a balançar
Ao encontro do meu insensível dono,
Lambia-o sua face para lhe agradar,
Temerosa por um possível abandono.

Meu medo transformou-se em realidade,
Sem justa causa, fui largada em um imenso matagal,
Mal acostumada ao novo ambiente chorei de saudade
Do conforto, da proteção, da ração e do meu quintal.

Passei muito frio, fome, me acostumei a sofrer,
Perambular sem rumo, comer restos de comida,
Ao revirar latas de lixo só para sobreviver,
Foi árdua a adaptação ao novo estilo de vida.

Encontrei duas amigas na mesma situação,
Identifiquei-me com uma e a outra me maltratava,
Para Sanny doeje por inteiro o meu coração,
Já Selly, em todos os nossos encontros, me magoava.

Nesta vida triangular, surgiu Shenon, um quarto elemento,
Um tímido macho em meio a três fêmeas no cio,
Seu olhar se direcionou a mim, Selly só lamento,
Sanny radiante por mim, já que Shenon preencheu meu vazio.

Engravidei, estava superprotegida, era amada e sentia-me realizada,
Repentinamente o destino resolveu novamente interferir,
Um ser humano cruel resolveu me seqüestrar, fui amarrada, torturada
Até morrer agonizante, muito triste por não ter tido a chance de
Shenon, me despedir.

SEU CADERNINHO

Bossi - Funcionário Bloco F

Eu queria ser o seu caderninho
Para guardar seus momentos com carinho
Marcando cada passo da sua vida
Dos belos caminhos de minha querida

Eu queria ficar juntinho de você
Sentindo seu perfume de nenê
Camiseta branca de babado
Combinando com jeans desbotado

Na sala com você eu ia entrar
E junto ao seu corpo eu iria ficar
Entre aulas, amigos e paixões
Conversas, confidencias e desilusões

Numa conversa franca e decisiva
Ele explica o fim e sua partida
Estou presente ao seu lado
Sua tristeza me deixa zangado

Sozinha em casa me afaga de paixão
E se assusta com minha revelação
Quero que saiba que te amo a todo presente
Estou aqui, amando você, hoje e sempre

CONCURSOS PARA PROFESSOR DOUTOR

PSC - Disciplina:

"Psicopatologia Geral I e II"

Data de início: 04/05/2005

Horário: 7h45h

Sala 14 - Bloco 23 do IPUSP

Dalva Paes - Assistente Técnica Acadêmica

PST - Disciplina:

"Linguagem e Pensamento"

Data de início: 16/05/2005

Horário: 8h30

Sala 14 - Bloco 23 do IPUSP

PSC - Disciplina:

**"Atendimento Clínico:
O Processo do Diagnóstico"
e "Atendimento Clínico I, II E
III: Psicoterapias E/Ou Psicaná-
lise".**

Data de início: 09/05/2005

Horário: 8h30

Sala 14 - Bloco 23

do IPUSP

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Bruno Aquino (05), Dailza Pineda (04), Guilherme Valente (04), Janafina Klinko (05), João Bosco (05), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Karina Schmidt (04), Leandro Salebian (05) e Patrícia Ferreira Rabaça (03).

Diagramação: Jonas Boni (02)

Reprografia: José Carlos de Carvalho e Maria Betânia da C. Grangeiro.

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A.C.O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h00min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

BOCA - Uma questão de Conveniência

e pequeno diálogo com o Ricardo (pós-PST) que escreveu "Qual a Função do BOCA?" na semana passada.

Patrícia Rabaça (03)

A expressão (forma de se expressar) "inadequada" parece sempre incomodar, não é? E parece também que mais uma vez chegamos nesta questão: ADEQUADO x INADEQUADO / CONVENIENTE x INCONVENIENTE.

In- Conveniente = aquilo que não convém, que não é convencional. Pois se o problema é esse então serei bem inconveniente para provar que na verdade o problema NÃO É esse.

Pergunto:

- QUEM NUNCA FICOU DE SACO CHEIO DE VER OS POEMAS DO JOÃO RODRIGO MATSUMOTO SAINDO TODA SEMANA?

- QUEM NUNCA FALOU QUE EU SOU DADA, HISTÉRICA, QUE EU ESCREVO DE FORMA AGRESSIVA/BLA BLA BLA?

- QUEM NUNCA PENSOU QUE SÓ O ISRAEL CONTROLA O BOCA OU QUE ELE É O BOCA?

- QUANTOS JÁ NÃO DISSERAM QUE OS TEXTOS CRÍTICOS DO RICARDO DA PÓS SÃO IMPLICITAMENTE MOTIVADOS POR DISCÓRDIAS PESSOAIS OU QUE SÃO MUITO ACADÊMICOS PARA UM JORNAL INFORMAL?

Que bom que as pessoas pensam, e até aí não tem problema nenhum. O problema é quando o pensamento vira intolerância e quando essa intolerância quer normatizar, colocar regras, traduzindo: CENSURAR. Censurar alguém pela forma como ele é, como ele se expressa (aqui no caso do BOCA). E daí rebaixar, humilhar.

Eu me sentiria humilhada se mandasse um texto pro Boletim e me respondessem que esse tipo de texto não dá pra publicar. Mas eu não sentiria isso se tivesse mandado um texto fora dos

padrões para uma revista científica. Isso porquê tenho uma visão diferente sobre a função do BOCA.

Me lembro agora dos lugares que barram a gente se não estamos com os trajés adequados e me lembro também que se vc tiver PODER não só entra nesses lugares como lança moda.

Bem, esse mês fui em quem recebeu os textos e bem sei que posso barrar alguma coisa se eu quiser (já sem existir essa regra), imagine então se isso for a norma e aquele chato mandar um texto??? Ahhhhhhhhh, será que as pessoas vão ficar imparciais ou será que todo mundo usa de burocracia para barrar o que quer barrar? Além disso é o diagramador quem escolhe o formato, a fonte e o local em que o texto vai sair... Será que tudo isso já não é poder demais nas nossas mãos?

Agora dialogando um pouco com o texto do Ricardo, meu amigo aliás... Bem, tudo o que quero dizer nesse texto é que não é "proibido proibir" (apesar de ser um tanto ingênuo achar que se proíbe alguma coisa), no entanto, talvez eu seja tudo aquilo que falou: "Fundamentalista do relativismo" e "beta da alteridade" quando se trata do BOCA. Ou talvez eu não seja, pois estou querendo **PROIBIR a proibição no BOCA.**

E devo ser também uma figurinha ridícula da psicologia que quer brigar por um espaço onde qualquer expressão seja digna, o que soa como baixaria para uns pode parecer trufas de cereja para outros, hehe, não é? Mas muito mais do que isso, eu quero lutar para que o único espaço onde se é permitido gritar **com as próprias palavras**, o único espaço que me acolheu quando o mundo se calou frente ao que eu sentia, não seja derrubado porque devemos ser ADEQUADOS. Nossos sentimen-

tos não são adequados, e se quisermos fazer isso, textos lindos como o da Tânia, que saiu no BOCA atrasado, ou COMO os poemas do funcionário BOSSI, não poderiam ser escritos.

A característica do BOCA é justamente a falta de característica. O que estiver no imaginário das pessoas que circulam pelo IP é o que vai sair. É um lugar onde qualquer expressão é digna. O BOCA é um veículo de inclusão do aluno, do funcionário, do professor, etc. A Função do BOCA, te respondo, é dar um lugar. Dar voz para o bem-estar ou para o mal-estar.

Mas também concordo com vc. Concordo com vc quando diz que falta identidade, coerência e bom-senso pro boletim. E digo mais: É POR ISSO QUE EU ADORO ORGANIZAR ESSE BOLETIM. E que delícias são as frivolidades, o que seria da vida sem elas? E eu também gosto muito de bolo.

Bem, além de tudo isso, quero dizer que SEMPRE SAEM textos urgentes da nossa cultura e profissão, além dos outros poemas e etc do jornal. Cabe todo mundo aqui!

Se no nosso jornalzinho não couber mais o romantismo do Matsumoto, os textos acadêmicos e críticos do Ricardo da Pós, a organização do Israel, as bizarrices, intrigas e DESVIOS da ordem... se ele virar um informativo, uma revista científica, se ele tiver um logo e for diagramado toda semana da mesma forma ... ele não será mais o boletim que organizo voluntariamente.

E quem vai escolher o que sai e o que não sai? E quem é que vai BOICOTAR essa farsa QUE CONVÉM para quem não quer pular o autor de que não gosta? Para quem não quer correr o risco de esbarrar com o que não quer olhar?? Com a diferença? Com o espelho???

Fazer a Diferença como R.D.

Zilio - dinossauro

Enquanto muitos discentes passam pelo cargo de Representante Discente sem ter levantado bandeira estudantil alguma, ou pior, somente utilizaram o fato de serem RDs para bajular e adular professores objetivando um mestrado, a, infelizmente, rara figura de um RD que leva adiante as lutas estudantis, qual seja, o Baione, faz muita diferença.

Reparem, desde que vocês entraram na psico, quantos alunos viram ser RDs, fora aqueles que preferem passar incólumes, sem se apresentar na Semana dos Calouros, sem aparecer mesmo no e-group RD, afinal, isso pode atrapalhar seu objetivo, garantir a pós, tudo isso sem falar naqueles parasitas que, entra ano, sai ano, sempre são RDs.

O Baione, com menos de um semestre de gestão, já 'virou de pontacabeça' o IPUSP. Só para citar dois feitos, o evento *O Curso de Psico como Desencadeador de Sofrimento* e a tentativa de saída da matemática da segunda fase da Fuvest da Psico, articulados por ele.

Caro Baione, em nome dos estudantes que não são puxa-sacos do establishment, muito obrigado pelo que você tem feito, por favor não pare - olhe o Curso Noturno de Psicologia.

Quiçá os demais estudantes que ocupam espaços de Representação Discente tivessem um dedinho da tua fibra de lutador.

j_brasilio@yahoo.com.br

Marcando uma reunião para discutir como fazer os alunos se interessarem por reuniões: Conclusões da primeira reunião de discussão do ENEP.

Como percebemos durante a reunião de discussão sobre os problemas do ENEP e como resolvê-los, existem diversos problemas que dependem mais das pessoas que participam das reuniões encontros e eventos do que da estrutura dos eventos em si. A principal coisa que foi discutida é que em qualquer reunião ocorre um monopólio das pessoas que têm paciência para participar até o fim, tolerar reuniões maçantes e que consegue ir atrás dos temas.

A discussão que planejamos marcar é justamente para que possamos compreender porque ocorre esse monopólio hierárquico, e se há como fazer os alunos do IP participarem mais ativamente dos diversos grupos e mecanismos de discussão que ocorrem dentro e fora do instituto. Existe alguma forma de possibilitar um aluno mais participativo? Existe alguma forma de fazer com que pessoas com personalidade diferente da extrovertida contestadora participarem de reuniões e terem chance de fazer valer

Diego Caleiro (05)

suas opiniões? Existe alguma forma de facilitar a compreensão de o que são os temas discutidos nos encontros e movimentos de estudantes?

Um debate sobre como fazer as pessoas se interessarem faz-se urgentemente necessário, pois tem sido tema de pauta do ENEP, do CA, do movimento estudantil, e de diversos outros mecanismos que dependem dos alunos para legitimarem suas decisões, caso você vá participar de apenas uma discussão, que seja dessa. Dê legitimidade aos processos de escolha dos grupos do IP, opine sobre como eles devem ser.

Para maiores detalhes, falar com Diego (05) ou Maju (05). Até que se prove o contrário, a reunião fica marcada para dia 9, segunda feira, ao meio dia, na sala 13. Quaisquer mudanças serão divulgadas por uma folha na porta do CA e no boca a boca...

Nós Acreditamos na Crítica!

NAC, enviado por Daniela Rozados (97, ex-aluna)

Muito se fala sobre o NAC por aí... também muito se escreve e se lê a respeito...

Mas alguém sabe o que é o NAC? O que significa essa sigla? O que pretende esse grupo que se reúne no IP toda quarta-feira ao meio-dia?

É justamente isso que estamos querendo saber. Só que desta vez, queremos pensar essa questão para além dos limites do nosso próprio grupo: gostaríamos de saber das pessoas do IP (isso inclui todos: professores, estudantes, funcionários...) como vocês nos vêem e percebem, o que acham que fazemos. Vale tudo: críticas, elogios, sugestões, polêmicas, perguntas, questões existenciais, memórias...

Mas por que tudo isso?

Estamos atualmente (re)elaborando a memória do NAC, cuja história está intrinsecamente ligada à história do Instituto de Psicologia e dos membros que o compõem. Parte desse projeto é entender melhor qual é a inserção do NAC no IP, seu impacto e para isso, compreender como somos percebidos é importante.

Acreditamos que o trabalho reflexivo que propomos só faz sentido se ele começar a partir de nós mesmos. Portanto, para que Nós Adquiramos Consistência tanto em nosso discurso quanto no exercício crítico que fazemos, precisamos também ser objetos da mesma crítica que pretendemos ser sujeitos. Esse movimento reflexivo nos constitui, logo é de se esperar que também tenhamos que comportar críticas e pensar sobre elas.

Então, nos próximos dias, estará na Val (xerox) um caderno preto, espaço no qual qualquer pessoa poderá (anonimamente ou não) expressar-se livremente sobre o NAC.

Nós Agradecemos a Contribuição de vocês!

A Função do BOCA!

(Guará 02)

Foi com muita paciência que eu li o texto de primeira página da edição anterior do BOCA, e vi algumas frases de efeito que levantaram algumas coisas em mim. É desprezível um texto que critique os outros textos e se dê ao luxo de colocar por cima da carne seca. Parece-me alguém muito magoado em não ter companhia para discutir os problemas de classe, talvez porque não s ao trabalho de discutir, pois a sua opinião já vem carregada deste espírito armado até os dentes e este saudosismo à nossos companheiros que lutaram. Talvez ninguém se dê conta, mas no BOCA tem muita coisa de útil sim. Para quem vive no esplendor de seus pensamentos, sendo sustentado por papai, é fácil dizer quem é patricinha. Difícil é fazer um bolo de cenoura. Falar complicado muita gente intelectualóide diz aos montes, mas o quanto disso é dela e o quanto é repetição?

Poxa sei lá, acho que eu mesmo acabo caindo naquilo que estou criticando, que é a própria crítica. Crítica mais inútil esta, mas enfim, o que é útil de verdade? Dizer que falta bom senso no

BOCA é fácil, difícil é ter o bom senso de assumir que não se tem o bom senso. E se tivesse, aí seria uma falta de bom senso. Incrível né? Falta de identidade para o BOCA acho que é confusão daquilo que é do BOCA e daquilo que é de nós mesmos. Talvez até eu esteja equivocado, mas quando pegamos o BOCA e dizemos que não há nada de interessante, ou que é cheio de frivolidades, estamos fazendo uma opinião nossa, e portanto, não é a verdade. Sempre vai ter alguém que vai ler, e vai rir, chorar, ficar injuriado, ou não. Essa é o que sempre vejo no BOCA, e não discussões do alto nível intelectualóide. Talvez isso faça das pessoas até mais inteligentes, porque copiar aquilo que escuta é um risco que sempre vai existir. E quando alguém vem com um discurso racionalizado, muita gente segura a bandeira e pensa menos ainda. Talvez ler uma Capricho não seja tão ruim (embora nunca tenha lido), contanto que você reflita sobre o que está lendo. Não dá é pra ler alguma coisa e acreditar plenamente nela, ou criticá-la sem nunca ter lido.

Acho que já escrevi muita tranqueira no BOCA. Ainda bem, já pensaram o quanta baboseira ia ter que escrever em meu Doutorado se nunca tivesse tido esse espaço? Acho que escrever o que sente, ou ler uma poesia do Matsumoto, que são mor legais e sentimentais, vale mais a pena que ler o meu texto, ou o do Ricardo da Pós. Os que lêem o BOCA sabem o quão importante é aquele momento, único, de cada um, sentado no trono de cerâmica, em que pode por um momento, refletir não sobre os problemas da faculdade, mas sobre a realidade da faculdade. Se há esvaziamento de reflexão na faculdade eu não sei, acho que até concordo. Mas que com certeza isso não está no BOCA, e sim nos níveis mais altos da graduação. Isso parece até piada, mas não há do que rir quando se pensa um pouco e vê a realidade. A faculdade não ensina nada de muito útil, e tem gente que ainda pensa que é mais inteligente por ser PhD, Doutor ou afins. Prefiro jogar sinuca no CA, é lá que aprendi realmente alguma coisa.

Água na Boca

Bosco (05)

Caríssimo Ricardo, dizem que é uma delícia:

Bolo de Trufa de Café

Ingredientes:

Pra Massa:

6 gemas, 6 claras em neve, 1 xícara (chá) de margarina (+/- 100g), 2 xícaras (chá) de açúcar, 1 xícara (chá) de chocolate em pó, 1/2 xícara (chá) de leite em pó, 1/2 xícara (chá) de café solúvel, 1 xícara (chá) de água, 1/2 xícara (chá) de amido de milho ou fécula de batata, 2 xícaras (chá) de farinha de trigo, 1 colher (sopa) de fermento em pó.

Pra Trufa:

400 g de chocolate meio amargo picado, 1 lata de creme de leite gelado sem

soro (reserve o soro), 1 colher (sopa) de café solúvel, 2 colheres (sopa) de whisky, 1/2 lata de leite condensado

Modo de Preparo:

Na batedeira, bata as gemas com a margarina e o açúcar, até clarear e ficar macio (fofinho). Separadamente, misture o chocolate em pó, o café, o leite, a água e reserve. No creme da batedeira, misture a farinha e o amido, e acrescente aos pouquinhos o líquido reservado. Mexa suavemente. Bata as claras em neve junto com o fermento e acrescente à massa delicadamente. Leve para assar em forma média untada e enfarinhada em forno médio (180°) por +/- 1 hora.

Preparo para as Trufas: em uma panela coloque o chocolate picado, o creme de leite, o café solúvel diluído no soro, o whisky e o leite condensado. Leve ao fogo baixo até o chocolate derreter e ficar cremoso. Deixe esfriar. Recheie e cubra o bolo.

Obs: regue o bolo com leite condensado diluído com leite. Se quiser, decore o bolo com chocolate granulado ou coco ralado.

p.s.: nos chame pra experimentar !!

Suspiros...

Carolina C Ramalho (03)

pegada gritar dedos música dormir
juntinhos você azul lua suco de laranja
doce beijo pés mochila chuva ma bico
chupada belo coxas menino comida gozo
vontade carro suor sorvete saúde água
glande correr aperta cadeira gemido sei-
os quatro vai-e-vem em cima lágrima dor
braços ato óculos flor barriga massagem
cadê ralada duro celular noite lado bun-
da já foi prática filme molhada dar per-
nas boca agora ca desejo sacanagem
mesa céu língua chupada coletivo vodka
escuro lambida escada pizza cheiro cho-
colate metrô lindinho tarde sono sentar
nu abraço espirra prazer fumar íntimo
medo am calcinha despido libertinagem
excesso gota látex diu rapidinha sangue
cinema cortina ver cara banho interrom-
pido vestido levanta bambas vara deita
alisa sempre mais tudo paredes incenso
vinho maior sede ai ai espanto riso ver-
melha perfume tímido falado gesto vulva
eternamente ...

Como vocês já devem ter vis-
to por aí (e por aqui também) do dia
26 ao dia 29 de maio vai acontecer
o X INTERPSICO e esse texto é pra
contar para os bixos e para aqueles
que por acaso não sabem, um
pouquinho do que acontece quando
o chega o Inter.

Tudo começa dia 25 quando
fica quase impossível andar no C.A.
por causa das malas e colchonetes
da galera! Isso porque o ônibus sai
aqui mesmo da Psico, no dia 25 à
noite então a galera já vem de mala
e cuia para a partida. E é no ônibus
que começa o inter, sim, porque a
viagem de ida é o aquecimento pros
quatro dias de bagunça. Chegando
em Tatuí (cidade do Inter esse ano)
a gente vai para o alojamento, que é
sempre em uma escola da cidade e
no dia seguinte começam os jogos
e as baladas!!!

Tanto para jogar como para
entrar na balada é preciso ter a

Movimento Cultural **Freud 150 anos** **ARTE DO INCONSCIENTE**



Abertos os trabalhos e as comemorações com a distribuição dos

Formulários de Intenções de Realização

Sexta-feira, 06/MAIO/2005

12hs às 14hs, Biblioteca do Instituto de Psicologia da USP

20hs Biblioteca da PUC-SP, Auditório Banerpe - Paulistas - Prédio Novo

Coordenado pelo Núcleo POLI-ÉTICA da

OFICINA DE PSICANÁLISE LaCaNiaNa

Coordenação dos palestrantes

Prof. Dr. Marcos Peter de Souza Leite e
Aida Schwab

www.LACANIANA.com

Maria Imaculada C. Sampaio

Diretora Técnica SBD/IPUSP - Coordenadora da ReBAP e BVS-Psi

Neto (03)

X INTERPSICO

pulseirinha que junto com a cami-
seta do Inter e algumas outras sur-
presas formam o KIT INTERPSICO!
**Por falar nisso, fiquem atentos
porque em breve os kits estarão
sendo vendidos no corredor da
faculdade!!!** Depois de quatro dias
de muita torcida, jogos, baladas e
principalmente risadas, domingo a
gente vem embora e o ônibus deixa
a gente aqui na Psico de novo!!!

Bom, por enquanto é isso...se qui-
serem saber mais porque o Inter é
tão esperado todos os anos, conver-
sem com seus veteranos e descu-
bram histórias muito boas!!!
Cássia(03)

PSICO VAI MAL NA ESTRÉIADA COPA USP

Neste último sábado, 30 de
abril, aconteceram os primeiros jo-
gos da Psico na CopaUsp. O primei-
ro jogo foi do futsal feminino, as

nossas meninas começaram muito
bem, dominaram o primeiro tempo
e com uma belíssima jogada da Li-
gia(00) abrimos o placar, que durou
até o fim deste período. Mas, no se-
gundo tempo o time caiu de produ-
ção e não conseguiu evitar a reação
do Ime, que venceu a partida por 3 a
1.

Logo em seguida teve o jogo
do futsal masculino, o adversário era
superior tecnicamente, mesmo as-
sim a Psico criou chances de gols
que não foram aproveitadas, e essa
diferença foi determinante para o
resultado final, no qual a Geo saiu
vitoriosa também pelo mesmo pla-
car de 3 a 1. Nosso gol foi marcado
com um chute preciso do Daniel
Jundiaí(02).

Mas a pior notícia do dia foi a
contusão do Tigrão(00), que saiu de
quadra no início do segundo tempo,
indo para o hospital, com suspeita
de algum problema de ligamento.

Lembranças à Lara

Pauta conjunta 19-04-05

Pauta discutida:

Discussão Feirinha e roubos

Votação da câmara técnica

Revistas – Editora

Congresso da UNE e UEE

Dinheiro do ônibus do EREP

Congresso UNE e UEE:

Os candidatos apresentaram suas propostas e idéias. Foi aprovado que haveria votação para o candidato e posteriormente realizaríamos discussões com todos os estudantes para saber se o espaço (do candidato) deveria ser utilizado ou não, bem como quais as posições do IP que ele deveria levar.

Discussão Feirinha e roubos

Muitos roubos estão acontecendo das coisas deixadas para vender na feirinha. Foi aprovado a proposta de que a feira seja trazida para dentro da sala de vivência do CAII, como uma medida provisória, para posteriormente pensarmos uma melhor solução.

Revistas – Editora

Um vendedor de revista pede o uso do espaço do corredor da psicologia para montar uma banca de venda de assinaturas. Ele oferece a assinatura de 3 revistas durante 1 ano para o CAII. Abriu-se votação e por contraste decidiu-se que o espaço não será cedido.

Câmara Técnica

Houve a proposta de antecipar a projeção do filme “Um Estranho no Ninho” seguida de discussão pensada pelo projeto CINEPSI (prevista para dia 11), para o dia 4 de maio, e fazer ainda uma discussão sobre as questões da Luta Antimanicomial para a mobilização para um ato no dia da votação da Câmara Técnica.

Dinheiro do ônibus

Foi repassado a grana da CG para o CAII, que agora tem a possibilidade de redistribuir a grana para os outros CAs, de forma que todos tenham pago a mesma quantia, como havia sido previamente acordado. Foi aberta votação e por unanimidade decidiu-se que o dinheiro fosse repassado.

Ata da Reunião de Pauta Conjunta 26/04/05

Pauta discutida:

Menores de idade dentro do IP

Segurança no IP

Chaves do Centro de vivência do CA

Mudar o local da reunião do CAII

Delegados para a Conune e UEE

Menores de idade dentro do IP: Vai ser realizado debates/palestras sobre a questão dos meninos que utilizam as áreas do IP. Isso foi decidido por que na reunião ficou claro que existem as mais diversas opiniões sobre o tema. O André (05) ficou de marcar uma data e combinar isso com funcionários e alunos. Ainda tem que ser pensado um formato para esse encontro.

Seguranças no IP

A discussão começou junto com a discussão sobre os meninos, depois foi decidido que eram dois pontos diferentes. Foi dito que temos falta de seguranças no IPUSP. A segurança do bloco de aula é feita pelos seguranças até as 17:30, após isso é responsabilidade do cursinho. Tem que ver se esse horário é o mais adequado, tem aulas que acabam às 18hs e se ele está realmente sendo respeitado. O Guilherme, que trabalha no cursinho, disse que o cursinho tem achado pouco um segurança só a noite, por que ele tem acumulado outras funções.

Agora terá sempre um segurança no bloco de aulas, inclusive na hora do almoço. O projeto Avizinhar está dando um treinamento para os segurança de como tratar e lidar com os meninos que aparecem para usar o espaço do IP.

Vai ser feita uma reunião para pensar o sistema de segurança do IP, os horários, se estão sendo cumpridos, como os seguranças se sentem, como está a condição de trabalho deles. Foi levantado que eles são desrespeitados tanto pelos meninos quanto pelos alunos.

Vai ser marcado uma reunião com os seguranças, o CAII e a diretoria.

Vai ser pedido a escala dos seguranças.

Chaves do Centro de Vivências do CA
A Raquel e a Thais ficarão com a chave que era do Leandro e se revezaram na abertura do centro de vivências pela manhã.

Mudar o local da reunião do CAII

Faz muito barulho no centro de vivência, foi sugerido que a reunião acontecesse em outro local. Foi levantado que temos que aprender a conviver, por isso proibir que joguem durante a reunião ou fazer-la em outro ambiente não seria legal. Ficou decidido que todos os sofás ficaram a dispo-

sição da reunião do CA, e que vai ser pedido que todos colaborem com o silêncio para não inviabilizar a reunião.

Delegados Conune e UEE

Foi feita a eleição para delegados psicologia-usp para o encontro da UNE e da UEE. Foram feitas duas chapas, sendo a vencedora a chapa composta pelo Sergio e pela Leticia. Todos os documentos e a ficha de inscrição foram entregues a um membro do DCE, Mario, ao fazer a inscrição disse que o regimento da UNE manda a eleição ser por proporcionalidade, que é os dois candidatos mais votados são o delegado e o suplente. Por isso ele acabou inscrevendo o delegado da segunda chapa que perdeu para não invalidar a eleição. No fim ficou o Sergio como delegado e o Mario como suplente. Posteriormente foi verificado que a eleição por representatividade só se aplica a cursos com mais de um delegado, e que no nosso caso a eleição por chapa era válida. Parece que o texto do regimento deixa margem para interpretação.

Existem dois caminhos a serem seguidos: Fazer um pedido do CA para o cadastramento e colocar a Leticia como suplente, ou pedir a invalidação da eleição.

Muitos argumentos foram expostos em defesa de um ou outro caminho. Ficou decidido ir no DCE e obter informações mais seguras do que exatamente ocorreu e dos procedimentos a serem tomados. Foi unanimidade que a Leticia deveria ser a suplente e não o Mario, apenas não ficou claro como deveríamos proceder pela falta de informação da parte burocrática.

Ata da Reunião de Pauta Conjunta 03/05

O primeiro filme do projeto Cine-psi acontecerá do dia 13 de maio, sexta feira às 16hs no bloco 23. O filme será Um Estranho no Ninho e no final terá um debate. A divulgação será feita via diretoria. O CAII irá ajudar a pagar biscoitos, pipocas e afins para o evento. No valor Maximo de 50 reais.

Vai ser requisitado por meio legal para o DCE-USP uma copia da ata da eleição para delegados do Conune e UEE. Isso para se averiguar o que ocorreu com a escolha do suplente.

Na quarta feira dia 04/05, vai começar o trabalho de organização dos arquivos do CAII, isso faz parte do projeto de memória. Uma chave da salinha de trás do CAII foi dada para a Leticia.

Todas as bocas no BOCA!

A coisa que mais é legal no BOCA é ele ser completamente aberto. Poder ser um meio onde qualquer aluno pode se expressar, desde uma receita culinária até um texto teórico/acadêmico, passando por desabafos, poemas, crônicas eróticas. Sem que ninguém impusesse nada a ninguém, sem que alguém chegasse e dissesse (para alguns usando de 'bom senso') que aquele texto é mal escrito, irrelevante, frívolo ou indigno de ser publicado. Quem é que tem esse poder de dizer isso sobre a expressão de outro?

Impedir que textos sejam publicados é um retrocesso, e além de levar à censura, vai tornar o BOCA um espaço para poucos. O BOCA tem uma função

clara, que é a de divulgar tudo que for produzido pelos alunos e isso não o descaracteriza, porque é exatamente essa a sua principal característica. Ser um saco de gatos cheio de expressões que nunca vão agradar a todos, nunca serão relevantes a todos, mas que tem garantido o seu espaço.

Cada um teria uma opinião de que textos "deveriam ou não" sair no BOCA. Mas ficar usando esses critérios pessoais ou de uma 'falsa' maioria é uma postura autoritária sim!!! E isso não é um medo vindo de tempos passados, isso é o que acontece todo dia. Seria muito fácil reproduzir isso aqui no BOCA e torná-lo mais uma mídia fechada e exclusiva. Essa visão de que todos os veí-

Luana flor(03)

culos de informação tem que discutir o que pode/deve ser divulgado é uma reprodução de como a mídia é feita normalmente, onde tem aqueles que escrevem/pensam por serem mais capacitados e por 'saberem' o que é relevante ser discutido, e aqueles que apenas assimilam essas informações e não expressam os seus pensamentos, ou por falta de espaço, ou por acabarem se achando incapazes.

Cada um pensa como seria legal o BOCA ser, que tipos de discussão gostaria que tivesse nele.....e o mais legal é que nesse formato todas essas discussões podem existir juntas, sem exclusão, sem cortes no mesmo BOCA.

TOLERÂNCIA À DIVERSIDADE X ALTERIDADE INGÊNUA

Luciano Tomé (99)

Discordando do Ricardo Silva (pós)

Grande Ricardo,

Muito brevemente quero dizer que considerarei seu bom texto "Qual a função do Boca" muito coerente e reflexivo e, ao contrário de muitos, não o considerarei "censurador". Você apenas faz uma defesa de que o Boca tenha uma Linha Editorial, voltada a discussões políticas e profissionais. Mas discordo disso. Ora, não é porque o CA é um órgão político-estudantil que seu boletim deva se restringir a isso, senão, já que é assim: então vamos tirar a MESA DE SINUCA do CA, camarada! Hahaha. Concordo que é vazio ser "beato da alteridade", mas também não dá pra opostamente nos tornarmos "carrancudas viúvas de 68", né, meu querido! O que, aliás, sei que você não é. E isso seria até anti-68.

Defendo um Boca sem linha editorial, porque ele se propõe a ser expressão de uma comunidade inteira e divergente. Sem relativismo ingênuo nem beatismo da alteridade, pois estes são

areflexivos e acríticos. Ao contrário, não gosto e também critico muitas poesias e textos, por exemplo. Ora, estou fazendo isso agora! A questão é que devo tolerar (mas não sem crítica) essa diversidade, pois não estou na minha casa nem numa maçonaria, homogênea: estou num lugar onde uma comunidade *heterogênea* se expressa. Paciência, meu caro! Leia a poesia e a receita de bolo e a critique, responda contra elas como já tem feito e pronto, simples!

Enfim, parafraseando marotamente Michel Melamed, o que quero dizer é só o seguinte:

Que com um simples beijo na BOCA pode-se aprender um idioma não há dúvida. Você beija uma chinesa, aprende chinês; chupão de alemão: alemão; um estalinho na francesa: oui.

A questão é quando forem comprovadas as propriedades medicinais do beijo, e, conseqüentemente, da língua: o constrangimento da família dessa menininha, na fila de doadores da saúde pública à espera de uma desconcertante lambida que seja compatível com seu pequenino coração.

PS1: Ei, estou separado e cozinhando, alguém aí tem receita de bife de forno?

PS2: E viva as lambidas compatíveis! Hehehe

Convite à dança... na "Galáxia de Gutenberg"

José Israel (01)

A expressão "Galáxia de Gutenberg", atualmente quase desconhecida, já foi muito utilizada na área das comunicações humanas para indicar o explosivo potencial de intercâmbio de informações, proporcionado pela imprensa, cuja origem remota localiza-se na invenção da prensa tipográfica pelo alemão Gutenberg (1398/1468). O potencial está subentendido na imagem percebida em galáxias do tipo da Via Láctea, a qual simboliza a expansão explosiva do conhecimento humano em todas as direções. O homem, inerentemente um produtor e consumidor de informações, avança continuamente, numa trajetória que inclui a sempre prazerosa troca verbal e reservada de comentários (a imortal fofoca, naturalíssimo dom do ser humano, segundo o Gaiarsa, em seu livro sobre esse assunto) e todas as demais modalidades de imprensa, inclusive, a mais potente e atual, a veiculada na INTERNET.

Também na PSICO-USP verifica-se tal trajetória, observando-se, no entanto, uma certa preferência pela prática do boca-a-boca ao vivo e nos diversos "e-groups" da Internet, em relativo detrimento do Boletim do Centro Acadêmico Iara Iavelberg, o BOCA, único e legítimo veículo de intercomunicação (mantido com recursos públicos, disponibilizados pelo IPUSP, direta ou indiretamente) dos três segmentos da comunidade: discentes, docentes e demais funcionários. Isso ocorre com os alunos, da graduação, da pós-graduação e, certamente, com os funcionários. Os docentes parecem ter "um modus vivendi" próprio em matéria de comunicação, no qual priorizam, por uma parte, o relacionamento direto com os seus alunos, e, por outra, com seus pares no departamento em que estão lotados, em prejuízo da intercomunicação com os colegas dos demais departamentos. O que é surpreendente, visto que chegam a "conviver entre si" por mais de 50 anos.

No entanto, os professores e funcionários têm a sua disposição este boletim semanal, que lhes oferece oportunidade de comunicação, discussão etc., sem burocracia nem custos, mas, bem poucos têm se utilizado dele. No caso dos professores, pouco há além da divulgação da pro-

gramação de eventos em seus laboratórios. Mesmo nas ocasiões em que determinado(a) docente e ou grupo de docentes, foram citados, direta ou indiretamente, por artigos devidamente publicados no BOCA – em que se questionavam providências didáticas em sala de aula ou atinentes a estágios obrigatórios extra-campus, e, mesmo reparos a práticas usuais de acolhimento psicológico ou clínico, no âmbito do Centro de Atendimento Psicológico (CAP), inclusive no que se refere a fundamentação teórica –, é raro que tenha vindo a público o devido esclarecimento ou posicionamento, da parte desses profissionais, a respeito do que foi ali focado. Que haja impulsividade excessiva no discente, associada ao seu questionamento, até se entende, embora não lhe caiba justificção. Mas, o que sequer se entende é que tais questionamentos não tenham merecido a devida réplica e pela mesma via. Ainda mais constrangedora, é a oferta pelos docentes de contestações que se fundamentam em tentativas de desqualificação pessoal do(a) discente, a partir das supostas motivações pessoais deste(a) para reclamar, feitas na velha prática do boca-a-boca. Uma variante disso, é quando determinado(a) docente, referindo-se explicitamente ao texto daquele(a) discente, faz reparos à racionalização contida na questão ou ao seu embasamento teórico, ambos em sala de aula, exclusivamente para seus alunos, deixando assim de esclarecer a respeito os outros alunos e mesmo a comunidade. O esclarecimento pode sempre ser feito mediante um simples texto jornalístico, portanto, não necessariamente "ex-catedra", publicável no mesmo boletim. Há exceções, como, a do Professor SAFRA, em 2004, bem como, a da Professora IRAÍ, em 2002, e, com maior frequência, a do Professor César Ades e a da Professora MARIA HELENA, ambos enquanto diretores do IPUSP. Nelas, certamente, assegurou-se o diálogo e entendimento entre as partes, publicamente, o que só lhes pôde ser salutar, e, por tabela, benéfico também à comunidade.

Como já ocorre com os alunos, há diversas modalidades de inclusão de

professores e de funcionários na edição do BOCA, seja com o envio de matéria, seja participando da organização da sua edição, enquanto membro efetivo da sua C.O., ou como um participante eventual de sua reunião semanal, com direito a expressar sua opinião sobre o que estiver sendo nela discutido. É uma oportunidade lúdica de exercício da cidadania na construção continuamente mantida de uma mídia pública na Psico-USP, que sirva a alunos, professores e funcionários.

A propósito, serão muito bem-vindas as opiniões de professores e de funcionários, que, juntamente com a dos alunos, reflipam o seu posicionamento sobre a seguinte questão polêmica e de fundamental importância para o boletim. Quem leu as duas últimas edições do BOCA está ciente da discussão, ainda em aberto, a qual versa sobre a atualidade de determinadas regras editoriais e organizacionais, que estão sendo observadas pela Comissão Organizadora (C.O.) desde o ano de 2000. Sucintamente tais regras, estão sendo contestadas por colaboradores, tanto em relação à necessidade delas, quanto em relação a sua suficiência. **Há quem não reconheça a necessidade de identificação do colaborador na mensagem que encaminha a matéria publicável, bem como, a de indicação da autoria desta.** Reivindicam, portanto, a liberdade absoluta de expressão escrita. **Há, por outro lado, colaboradores, inclusive membros da C.O., que defendem e estimulam a publicação de qualquer matéria, desde que estejam cumpridos aqueles requisitos necessários.** São os defensores da liberdade minimamente contida da expressão escrita. **Outros colaboradores, entre os quais me incluo, advogam a adoção de uma linha editorial, em que fique assegurada a liberdade de expressão escrita, segundo parâmetros definíveis diretamente pela comunidade, os quais, em conjunto, venham a ser considerados como necessários e suficientes para garantir uma trajetória estável e permanente para o boletim.**

A Utopia do Cético

(Diego Caleiro 05)

Já se faziam 40 anos que o princípio da contradição passara a ser ensinado nas escolas primárias. “Se duas proposições são contraditórias entre si, então uma deve ser verdadeira, e a outra, falsa.” Poucos anos depois, a navalha de Ockham tornou-se conhecida dos alunos de ginásio. “Se duas proposições diferentes podem explicar igualmente uma observação, deve-se adotar aquela que é mais simples até que ela se mostre incompatível.”

Progressivamente, todos começaram a gerar uma concepção de mundo compatível com a observação, primeiro, todos começaram a perceber que as doenças não podiam derivar ao mesmo tempo de vírus e bactérias ou de água gelada, e tomaram então água gelada.

Alguém teve então a brilhante idéia de que era mais provável que uma sensação fosse uma sensação, do que que fosse uma entidade, essa pessoa, numa determinada ocasião, vira a luz, no sentido simbólico divino que se dá a essa idéia, mas, ao invés de ter essa sensação, e encará-la como a presença de uma entidade no universo, encarou-a como sensação, pois era mais simples e portanto mais provável que ela sentisse a visão da luz, do que que de fato houvesse uma entidade que gerasse em sua consciência uma luz. Seus amigos lhe disseram, “Você não acredita em sensações?” ao que ela lhes respondeu, “Pelo contrário, eu é que creio nelas, vocês, quando sentem algo de diferente, dizem, ‘ora, se não é uma manifestação de uma entidade

de que quer me demonstrar sua existência’, já eu, quando sinto algo diferente digo ‘ora, se não é uma sensação diferente’.”

Em pouco tempo, perceberam que era muito mais simples encarar a consciência humana como produto do movimento da matéria no cérebro do que o contrário, não só porque o cérebro se movia exatamente de acordo com as leis da física, assim como o corpo, como também porque se houvesse qualquer forma de alteração no cérebro, como um forte puxão magnético, ele funcionava de forma completamente diferente. Evolutivamente, fazia muito mais sentido que o cérebro fosse o gerador da mente, do que que fosse apenas a interface entre a mente extrafísica e o mundo físico, afinal, é muito mais simples que a evolução tenha criado a consciência como forma de adaptação ao ambiente, do que haja criado uma mente externa ao corpo, que se comunica com ele de forma absolutamente indiscernível do que se esse funcionasse sozinho.

O papai noel, ou seja, uma bondosa criatura, que é eterna, julga os meninos por seus atos e os dá recompensas quando forem bons, e os deixa ao léu quando forem maus durante o ano, tudo fazia crer que o papai noel não existisse, e a maioria dos garotos havia percebido isso com cerca de quatro anos, ao sete então, começaram a perceber que qualquer entidade que seja bondosa, eterna e julgue as pessoas por seus atos dificilmente existiria, seria como se eles mesmos parassem à observar as formigas de

seus quintais, dando açúcar às mais trabalhadoras, e fazendo nada, ou queimando, as que parecessem mais dispersas ou mais promíscuas. Era muito mais provável que as formigas acreditassem que isso acontecia por terem elas um desejo natural de se sentirem importantes, do que que de fato os garotos as observassem todos os dias, todo o tempo, e para sempre, porque seria diferente conosco?

Então, se não havia consciência externa, não havia vida eterna, não havia uma entidade que se ocupe de olhar por nós, as sensações eram apenas sensações, e o mais importante, água gelada não causava doenças, a vida ainda valia a pena?

Nessa sociedade sim, todas as pessoas ainda conseguiam satisfazer suas necessidades simbólicas, seja filiando-se a um partido político, seja fazendo parte de um movimento de caridade ou da organização de um jornal para sua faculdade, seja tentando unificar a física quântica com a relativística, seja estudando a vida dos grandes imperadores, ou tentando compreender as belezas das emoções humanas. Percebeu-se que os seres humanos têm um talento inato para encontrar, por si próprios, e sem muita ajuda, um sentido e um propósito para sua existência, nem que esse sentido fosse passar a vida tentando provar que não existia tal talento inato. Tudo que havia de simbólico era conectado com os desejos de cada um e de todos que compartilhassem esses desejos. E isso gerava o conforto, o prazer e a tranquilidade que um dia já haviam sido chamadas de religiosas. É como já diziam “Imagine there is no heaven, It is easy if you try”... “You may say I’m a dreamer, But I’m not the only one”.

um sinal de atraso na gente.

A competição, é facto concreto e prático, estimula o desenvolvimento e a EVOLUÇÃO. Mas a *competição competitiva* nos destrói, está a nós, espécie, está nos destruindo aos poucos, e em breve nada sobrar de bom aos nossos descendentes (nem mesmo ar puro, nem mesmo água pura, muito menos paisagens que estimulem o espírito a viajar, nada, nada, nada... a previsão para o nosso futuro, nós Planeta Terra, é sombria e triste). A *competição competi-*

Três Citações

(Busilis, 00)

E a “Revolução Silenciosa” continua:

Sim, pois se temos de ser sempre os melhores, se na nossa *caminhada* de conquistas e progressos desejarmos sempre mais, mais, mais, seja lá o que for, se temos de ser sempre os primeiros, os melhores, então é claro que a competição será muito acirrada, e tensa,

e é óbvio que não existem dois lugares no primeiro lugar. Só há lugar para *um* vencedor. Assim, qualquer avanço do adversário constituirá um perigo para nós, qualquer conquista do oponente será a maior das ofensas para nós e qualquer vitória alheia, seja lá no que for, indicará

(continuação)

va é destrutiva, se um ganhar, outro perde, necessariamente. E a vitória é ilusória, pois se uma das partes perde, então fica fácil perceber que a vitória significa, *na verdade*, um apego a um dos lados da moeda. E o Todo é constituído por todas as suas partes, mais as quase infinitas relações possíveis (e talvez as impossíveis) entre elas. Portanto, o apego obsessivo (vencer, ganhar, vencer, ganhar, a qualquer custo!) a um dos lados nos indica que estamos lidando com um sentimento, uma vontade, que prevalece na nossa sociedade e que por isso mesmo ainda existem guerras e coisas do tipo: *a vontade de poder*. A quem serve a *vontade de poder*? E, afinal, quais os sentimentos que ela gera, considerando-se *os dois lados, o ganha-dor e o perde-dor*? A quem ganha, realização e prestígio. A quem perde, revolta e ódio, porque o jogo é levado a sério. E quem perde não gosta de perder, porque foi assim que nos ensinaram e assim aprendemos, e esse sentimento, a longo prazo, afeta a todos nós, “perde-dores” e “ganha-dores”.

De certa forma, algum ódio nos foi ensinado, assim como alguma vitória, e a sensação de bem-estar (aparente e de curto prazo) que resulta dela. Mas, uma vez conseguida a “vitória”, sempre queremos mais, a fome nunca termina, e aumenta.

Visando sempre a alta produtividade, temos porque temos de produzir, é isso o que conta e é isso o que nos dá o nosso valor (e é isso o que prezamos e *nos matamos* para conseguir), nunca se põe em questão a Política do Lucro, da Produtividade, nunca. Devemos sempre lucrar, a qualquer custo, mesmo que tenhamos que pisar nos outros, mesmo que tenhamos que escravizar os outros. Mesmo que a nossa “vitória” signifique o ódio de alguém.

O ódio contamina o ambiente, o deixa denso e viscoso, e isso contamina aqueles que estiverem presentes no ambiente. Pode-se chamar a esta camada “psíquica” que permeia, compõe e influencia os ambientes de “psicosfera”. Tentem imaginar a psicosfera do planeta Terra. Planeta o qual não é “nosso”, mas que habitamos.

Ao contrário, a *competição co-*

operativa tem todas as vantagens da competição competitiva, mas não destrói, pois nela o sentido de ganhar não é o de vencer o outro. E a sua principal motivação é o *Amor*.

Aos poucos, no tempo e na medida de cada um. Somos seres individuais, porém sincronizados com a *Fonte*.

“Penso que a *competição cooperativa* está no fundamento de todas as formas de inteligência (...) Em escala coletiva, uma comunidade qualquer não pode, evidentemente, tornar-se criativa se cada um imita escrupulosamente o que seus vizinhos sempre fizeram ou se contenta-se em obedecer a um poder central que jamais seria desafiado. A competição não tem nada a ver com a agressividade ou a vontade obsessiva de ganhar do outro.(...) A principal significação da competição nos processos inteligentes é a de *abertura do espaço*. A abertura do espírito (quer se trate de um espírito individual ou coletivo) para o impensado constitui precisamente a verdadeira experiência criativa”.

(Pierre Lévy, “A Conexão Planetária”, ed. 34, 1ª edição, pág. 99/100).

“Talvez na *próxima geração* de *psicólogos mais jovens*, esperançosamente desembaraçados das proibições e resistências universitárias, haja alguns que ousarão investigar a possibilidade de haver uma realidade lícita, que não está exposta aos cinco sentidos, uma realidade na qual o presente, o passado e o futuro estão interligados, na qual o espaço não é uma barreira e o tempo desapareceu; uma realidade que pode ser percebida e conhecida somente quando somos *passivamente receptivos, em vez de ativamente inclinados a conhecer*. É um dos desafios mais excitantes postos à Psicologia”.

(Carl Rogers, 1972. Do livro “A Consciência Cósmica”, pg. 14, de Pierre Weil (tem na biblioteca da Psico).

“Não consigo descobrir em mim esse sentimento “oceânico”. Não é fácil lidar cientificamente com sentimentos”. (Sigmund Freud, “O Mal-Estar na Civilização”, pg. 10, Imago (tem na biblioteca da Psico).

o Método da Aranha

Raoni Duran (05)

Ela era então aranha. E o sabor de ser menina decaía em sua boca idosa. A fina membrana transparente cobrindo ossos leves e frágeis e o cabelo como o da velha espanhola, mas ela não é feliz. Toda aranha nasce de um coito interrompido, mas toda aranha vive pela comprovação inescapável de memórias acintosas. Mas a negação permeia os sulcos da vida aracnídea.

Ela manda notícias e tece uma teia num canto sem prestígio da morada mental dos homens. O tempo de espera é também tempo de aborrecimento e ela reclama da lentidão das presas, do perigo da queda, da gravidade, da existência das religiões, do autoritarismo das esquerdas, dos sinistros, das sempre tão desnecessárias ecdises, dos amores roubados, a melancolia emerge sempre com seu laço frouxo a extrair cores deixando paisagens abandonadas.

Pelas lindas campinas do firmamento andavas, ó tu, belíssimo pedaço de vida. E tão despreocupado vinhas, ao olhar as uvas e o sal, que pouco te forçava vigília, fora o teu gentil voar. Mal sabia o celestial piedoso feminino eufemístico fantasiado falso ridículo pedaço de vida que ali ao lado havia uma aranha a espreitar. Não te preocupes, ó justo pedaço, essa não é a visão dos Céus, mas sim da aranha a te criticar.

Mas esse pedaço de vida não desiste (“enrola nele um pedaço de pano grosseiro e sufoca essa beleza ó tão medonha”, pedem às gargalhadas os demônios), mas chega a noite e termina a espera, mas cai uma ilusão e permanece o inevitável, mas nem tudo pode ser explicado, mas pode ser comprado um colar peculiar, mas o que fala a alma e o que pede o coração, mas o perigo é interno e a morte onipresente, mas não demora a chegada de um substituto, mas o que restou não tem nada a dizer.

O conflito invade isso que não é

(continuação)

ele. O pedaço de vida é não mais. Favorita hora do dia da aranha, a transubstanciação dos corpos. Aquilo que estava separado e indiferente não existe, agora é o momento do encontro. A aranha cedendo à amnésia reconhece à sua frente, nesse mundo tão opressivo, um pedaço de familiaridade: "Sou eu" é tudo que ela pensa e o universo inverte-se e suas entranhas contraem-se e doem, enquanto a aranha suga mais de si para si mesma.

Por um breve momento ela realmente é feliz.

Mas uma sombra de tão estranha se aproxima da teia. A aranha fica arrepiada num bote fingido. Há outro no estagnado domínio. Ela teme pois a teia pode suportar até a passagem do tempo que tudo dilui, porém é frágil perante um movimento mecânico complexo. É ele que está aqui e sob ele nós somos oito, fragmentados em nosso medo e admiração.

Então ouviu-se: "Oito Fins, eu sou o Destruidor". A aranhazinha vira pedra e ela é teimosa e covarde, mas agora não existe caminho do meio. Tão rápido como dois amantes que perdem-se do amor ele inicia o eclipse. Mãos e gritos e armas ensurdecidas atingem cada canto do canto esquecido. A tenacidade das fibras é resistência temporária, elas são jogadas longe para tornarem-se pó. A aranha é violentada e não sobra uma certeza. Tão rápido como dois estranhos que se apaixonam ele vai embora.

Um pouco no cinza a aranha então medita sobre as cores de seu amado. Ela não o viu mas acredita que ele era a morte, que se chegasse nas coisas mesmo inanimadas desse plano todas pereceriam para brincar com vazio, contudo nenhuma das coisas saberia estar com o vazio e tão pouco estariam brincando, elas não seriam. Isso era difícil de imaginar e como a aranha ainda acreditava ser, aquilo estava um pouco distante. Ela não o viu mas sentiu que ele

era a vida, pois ela lembrava como era sentir a vida, uma menina que a sentiu muito. Esse sentimento era ter luzes indelicadas entrando a todo momento num ambiente que não consegue ser inteiro, é uma constante mutação que dói sempre e não sacia nunca.

Isso também não dizia respeito a ela que há muito já não sentia. O branco e o preto lutavam em uma eterna contradição, se contradiziam no agressor e também nela forçada a entrar nesse embate. O paradoxo então ofereceu seu auxílio e foi nesse momento que a aranha viu as duas cores morando juntas no invasor e sendo duas e sendo uma só. Ela, entretanto, estava abandonada, do outro lado: "Ele vai me cortar e só então eu saberei o que é sentir dor".

Mas a aranha não morre. A teia tecida por ela não permite comparações, não é vida, não é morte, é uma alternativa segura, o método da aranha.

<http://thejournal.zip.net>

Princípios do Currículo

Rubens (01)

Esse texto pretende retomar um pouco os principais pontos do novo currículo. Por se tratar de um processo longo é importante retomar sua história para refletir o que foi esquecido, o que não faz mais sentido e o que é importante retomar. Esse texto tem a pretensão de apontar eventuais falhas e caminhos. O processo de reestruturação vêm se desenvolvendo desde 1996 e desde 2004 foi implementado.

Os atuais representantes da Comissão de Acompanhamento Curricular são Maria Tereza Coelho de Souza, José Moura, Ana Aguirre, Marta Hubner, Tiago Lima (04), Marcelo Ferretti (03) e Rubens (01). A seguir os pontos principais e alguns problemas relacionados.

Currículo formado por menos matérias obrigatórias: A idéia era que pudessemos fazer menos matérias obrigatórias. Para isso, o ideal seria que as disciplinas obrigatórias de continuação (como psicopatologia II, relações humanas II) virassem optativas e outras deixassem de existir. Todos passam pelos mesmos conteúdos relativamente mais

básicos e quem se interessasse continuaria a linha de uma determinada disciplina ou docente. Pensou-se que o conteúdo das obrigatórias passaria a ser mais básico, deixando o aprofundamento para as optativas, pois para se formar serão necessárias mais disciplinas.

Problema: O número de disciplinas do velho para o novo não diminuiu tanto, ou seja, passa a ser obrigatório fazer um número muito maior de disciplinas, o que implica em provas, textos, sobrecarga de horário, etc. As disciplinas perderam horas, mas continuam dando o mesmo conteúdo.

Um problema gravíssimo é que a carga horária das disciplinas obrigatórias oferecidas por outras unidades não foi reduzida. Enquanto na psico não temos mais do que três horas por semana em uma disciplina, na Bio e no ICB temos 8 horas semanais. Em parte, isso se deve a uma falta de posicionamento forte da Comissão de Graduação com relação às outras unidades, com pouca disposição dos docentes para resolver uma questão que já se estende a pelo menos

dois anos e é um dos principais problemas estruturais da implementação do currículo tal como aprovado pela congregação do Instituto.

Currículo composto de matérias optativas: A idéia era de possibilitar ao estudante a escolha de que cara teria sua própria formação. Essas disciplinas que já eram feitas, mas passariam a ser reconhecidas como parte da formação básica. Elas passam a ser 40% do total. Passa-se também, a incentivar o estudante a buscar disciplinas em outras unidades, possibilitando uma formação mais ampla.

Problema: Os docentes não criaram muitas disciplinas novas e algumas das existentes não são oferecidas. A escolha ainda é bem limitada. Além disso, os estudantes ainda não têm o hábito de buscar disciplinas em outras unidades.

Disciplinas interdepartamentais: Um problema para a nossa formação é a divisão do Instituto em departamentos. O efeito percebido na graduação é a dificuldade de

(continuação)

professores de departamentos diferentes, mas de linha ou área semelhante, conversem, troquem e ofereçam a nós os resultados desses diálogos. Com a criação dessa modalidade, as disciplinas passam a ser extremamente enriquecidas.

Problema: Ainda estão muito pouco estruturadas as disciplinas existentes.

Disciplinas de pesquisa: Disciplinas como prática e treino do PSA e PSE são criadas nos outros departamentos. É criada uma disciplina de Pesquisa interdepartamental. São contados créditos aos docentes e aos estudantes, incentivando a pesquisa mesmo que não haja bolsa ou outra forma de incentivo.

Problema: Ainda não saíram do papel ou estão engatinhando essas novas disciplinas, contando com pouco conhecimento por parte de docentes e estudantes.

Disciplina de Extensão: Uma matéria semelhante à de Pesquisa, que passa a contar créditos no eixo mais desprivilegiado da Universidade, a extensão.

Problema: Também não saiu do papel.

Fundamentação e Novas Áreas: No novo currículo, foi reservado um espaço maior para criação de disciplinas tais como Filosofia, A diversidade do conhecimento em Psicologia e Introdução à Pesquisa em Psicologia que pensam aspectos fundamentais da Psicologia e passam a ser obrigatórios, bem como Institucional, Lacan, Gestalt, Terapia cognitivo comportamental e psicodrama como áreas e formas de fazer a psicologia que antes não existiam como obrigatórias.

Problema: A disciplina de Filosofia ainda não existe, a de Diversidade do Conhecimento ainda é oferecida so-

mente por docentes do PSE, sendo interdepartamental. Não há espaço para linhas da Psicologia mais recentes como Esquizaanálise e Transpessoal, pois não existem professores nem interesse em contratá-los.

Estágios: Não foram pensados durante a reestruturação curricular. Obedecem à mesma lógica das disciplinas de uma forma geral, dependem unicamente do estilo do professor para determinar seu conteúdo. A Comissão de Graduação não interfere nas disciplinas ou no estágio em nome de uma autonomia dos docentes, postura essa que compromete uma reflexão acerca do projeto pedagógico do IP.

Esperamos ter mostrado as possibilidades e dificuldades do currículo deixando claro que ele não está pronto, mas que se trata de um processo que conta com participação e precisa da colaboração de todos, docentes e estudantes.

NOTAS DIVERSAS

José Israel (01)

FESTA JUNINA NA PSICO-USP, EM 01.07.05

Diversas pessoas reuniram-se em 29.04.05, na sala 13 do Bloco F, às 12h, e iniciaram uma programação para a realização de Festa Junina que reunirá alunos, professores, funcionários e seus familiares na tarde (noite) de 01.07.05 na PSICOSP.

Uma forma de participar da Festa é trazer um prato com quitutes juninos, salgados ou doces, e um refrigerante de 2 litros. Para participar da Quadrilha, cada casal contribuirá com R\$ 10,00.

Estão previstas a disponibilização gratuita de quitutes juninos e refrigerantes, doados pelos festeiros, e a venda de churrasco em espeto, cerveja e quentão a preços módicos, a ser feita em barracas da Atlético Busilis, dos alunos, e do Grêmio Recreativo dos funcionários, bem como a realização de gincanas, bingo e a dança de Quadrilha Junina.

Já foi iniciada a lista de inscrição

de casais, sob responsabilidade de Claudiel e Cecília (funci.) no Bloco A; Cássia, Israel, Leonardo e Lucas (alunos) no Bloco B; Lilian (funci.) no Bloco C; Selene (funci.) no Bloco D; Tarciso (funci.) no Bloco E; Bossi (funci.) no Bloco F; Zulmira e Paulo (funci.) no Bloco 23;. Os ensaios com os já inscritos começarão imediatamente, sob o comando de uma professora festeira (surpresa!), mas o prazo de inscrição se encerra em 19.05.05.

Próxima reunião da Comissão de Festa no dia 13.05.05 no Bloco, às 12h.

CONCURSO DE EFETIVAÇÃO DA PROF^ª LEILA CURY TARDIVO

O Concurso de Efetivação da Prof^ª Leila Cury Tardivo nas Disciplinas PSICOPATOLOGIA GERAL I e II será realizado de 04 a 06 de maio. Na sexta-feira, à tarde, as atividades serão aber-

tas. A partir das 13h deverão ocorrer as fases: leitura da prova escrita, prova didática e arguição do memorial. Será na Sala 20, do Bloco de Aulas.

Dissertação de Mestrado de WAGNER FRANCISCO VIDILLE

Título: "Práticas Teraspêuticas entre indígenas do alto Rio Negro"
Pós-Graduação em Psicologia Clínica
Orientadora: Prof^ª Associada Leila Cury tardivo
Comissão Julgadora: Prof^ª Livre Docente Tânia Aiello Vaisberg e Dr. Claudio castello Filho
Dia 9 de maio às 10h30 min na sala 20 (Sala Aurora) Bloco Didático

Big Psico Brasil

Semana 6

Jonas Boni (02)

A casa sem Anderson era a mesma coisa que uma casa sem o doente; todos precisavam conter e repensar suas ações para não se encaixarem no lugar antes ocupado por ele. Ainda cedo, o silêncio imperava. Sílvia dormia agarrada com seus bichos de pelúcia. Mílvia servia de amparo para o livro que dormia sobre seu peito. JC tomava banho. Marilene e Mariovaldo dormiam abraçados no chão da sala.

JC sai do banho, troca-se e vai para a sala. Assustado, encontra Mariovaldo e Marilene deitados, abraçados. JC pulou e sorriu bem baixinho. Sabia que aquele momento para Marilene era de grande felicidade. Entretanto como isso se desenrolaria se ela namorava há muito tempo? Marilene se importava... Por diversas vezes puxava o amigo para falar sobre esse romance. JC foi para a cozinha, enquanto preparava o café, lembrava:

Marilene: "O que eu faço? Eu gosto dele de uma maneira como nunca gostei de ninguém. Ele me completa. Ele é inteligente, bonito, sensível, cuida de mim... Tudo o que sempre quis de alguém. JC, ele namora há 4 anos. Eu devo investir?"

JC: "Você acha que ele se sente atraído por você?"

Marilene: "Eu acho que sim... Às vezes, eu o pego olhando pra mim. Quando ele percebe que eu estou olhando, ele disfarça. É constrangedor, e ao mesmo tempo super romântico... Parece paquera de adolescência".

JC: "Se você acha que ele também está nessa mesma paixão que você, aproveita. Declare-se. Curta essa paixão. Não deixe que o tempo estrague ou apague um sentimento tão gostoso e verdadeiro".

Marilene: "E a namorada dele?"

JC: "Isso é questão dele. Ele que tem de resolver isso, não você".

Marilene: "E minha ética?"

JC: "Ética em se apaixonar por alguém que tem namorado?"

Marilene: "É, também. Como eu posso dar continuidade sabendo que ele tem outra. E se ele não ficar comigo de sim com ela? O que eu faço?"

JC: "Você só vai saber se tentar..."

Neste momento, Sandoval entra na cozinha e pega JC sentado com a xícara de café nas mãos. A boca entreaberta. A xícara no meio caminho entre a boca e a mesa. JC parecia refletir. Sandoval percebeu a reflexão de JC e tentou investigar o que estava passando na cabeça do companheiro de casa.

Sandoval: "E aí, ta pensando na morte da bezerra?"

JC: "Não. Estou pensando simplesmente... Sabe o que é isso?"

Sandoval: "Começamos cedo com as agressões".

JC: "Ainda bem que você sabe conjugar verbo com perfeição".

Sandoval: "Olha, eu queria apenas ser educado. Se você tá menstruado, o problema é seu".

JC: "Exatamente. O problema é meu e não seu. Portanto ocupe seu lugar".

JC sai da cozinha. Encontra Mílvia no meio caminho, mas nem a cumprimenta. Sandoval o tinha irritado muito. JC é um cara calmo, bem resolvido. Sabe o que quer de sua vida e o que não quer. Sua meta é ser feliz, ter amigos verdadeiros e uma condição financeira razoável para viver bem.

Mílvia entra na cozinha. Sandoval está com os olhos lacrimejantes. Essa emoção não se refere a um pensamento sobre suas atitudes, na direção de ter percebido que tinha feito algo errado, mas sim porque sabia que aos poucos não seria mais o centro das atenções. Deveria mudar sua conduta radicalmente para continuar sobre os maravilhosos holofotes da fama.

Mílvia: "Sandoval, ta tudo bem?"

Neste momento a grande voz interrompe a conversa e em todos os recintos, os participantes escutam: "Sandoval é o novo líder. Por favor, todos os participantes estejam na cozinha neste momento".

Mariovaldo e Marilene acordam com a voz. Atordoados não realizavam o que estava acontecendo. Estavam felizes de terem dormido juntos, abraçados. Marilene realizada com o que acontecera se surpreende com a reação de Mariovaldo. Ele se levanta rapidamente e vai para a cozinha sem esperá-la. Naquele momento apenas uma coisa surgiu na cabeça de mariovaldo: sua namorada fora

da casa.

JC passa pela sala e encontra Marilene sentada com as pernas encostadas no peito, parecia perdida e abandonada. O amigo a segura pelo braço para ajudá-la a se levantar e a abraça com força. Os dois caminham até a cozinha. Sílvia é a última a chegar.

Grande voz: "O anjo foi escolhido por Anderson e ficou definido que a primeira pessoa com quem Mílvia falasse seria o líder, assim sendo, Mariovaldo é o anjo e Anderson o líder. Por favor, dêem suas indicações".

Mariovaldo: "Meu Deus, eu tenho que indicar alguém para imunizar essa semana?"

Grande voz: "Sim. Agora".

Marilene fala para JC: "Ele bem que podia me escolher, né?"

Mariovaldo: "Eu imunizo a Marilene". Marilene sorri.

Sandoval: "Eu indico o JC".

Grande voz: "Alguém quer justificar as indicações?"

Sandoval: "Eu indico o JC porque ele está mal dentro da casa e eu acho que ele precisa se cuidar".

JC: "Que desgraçado, filho da puta... Sandoval, você tem certeza que sou eu quem precisa ir embora?". Sandoval, não responde.

Grande voz: "Por favor, dirijam-se ao confessionário para a votação".

Marilene: "Eu voto na Sílvia porque eu realmente não consigo entender a postura dela dentro da casa. Ela é fechada, egoísta, não tem noção de convivência em grupo. Isso atrapalha a dinâmica da casa".

Sílvia: "Eu voto na Mílvia, porque não sobrou mais ninguém".

Mariovaldo: "Eu voto na Mílvia por achá-la muito arrogante. Ela não tem sensibilidade em se relacionar com outras pessoas que pensem diferente dela... E olha que eu concordo com a linha de pensamento dela. Acho que eu não gosto do jeito dela. Só".

Mílvia: "Eu voto na Sílvia por achá-la patricinha, falsa, ridícula, sem noção de dever social, incoseqüente, vulgar, metida e capitalista burguesa".

JC: "Eu voto..."